

## RESENHA

Everett, Daniel L. *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

Resenhado por Márcio M. G. Silva (Pesquisador independente - Ambientalista, linguista e tradutor)

Este não é um livro de ecolinguística, mas praticamente toda a argumentação de seu autor se apresenta em um tom ecolinguístico. Por isso, vale a pena resenhá-lo em ECO-REBEL. Ele é um argumento de alguém de fora da ecolinguística que prova o acerto de suas premissas. Daniel Leonard Everett é norte-americano de nascimento, veio para o Brasil como membro do Summer Institute of Linguistics, para ser missionário entre os ameríndios locais, indo trabalhar com os pirahãs, com os quais conviveu durante um longo tempo. É um dos maiores conhecedores da língua e da cultura desse grupo. Tanto que fez o mestrado<sup>1</sup> e o doutorado<sup>2</sup> sobre essa língua na UNICAMP, Brasil, sob a orientação de Aryon Dall'Igna Rodrigues. O livro ora resenhado está dividido em quatro Partes. Vejamo-las, juntamente com os capítulos que as compõem:

**Parte 1: OS PRIMEIROS HOMININI:** “O surgimento dos *Hominini*”, “Os caçadores de fósseis” e “Todos falam línguas de signos”.

**Parte 2: ADAPTAÇÕES BIOLÓGICAS HUMANAS PARA A LINGUAGEM:** “Os humanos desenvolvem um cérebro melhor”, “Como o cérebro torna a linguagem possível”, “Quando o cérebro está com problemas” e “Falando com a língua”.

**Parte 3: A EVOLUÇÃO DA FORMA LINGUÍSTICA:** “De onde vem a gramática”, “Falando com as mãos” e “Apenas bom o suficiente”.

**Parte 4: EVOLUÇÃO CULTURAL DA LINGUAGEM,** contém um único capítulo, “Comunidades e comunicação”.

CONCLUSÃO.

O pano de fundo para toda a argumentação de Daniel Everett é a visão arqueológica da linguagem. Essa arqueologia da linguagem é complementada pelo evolucionismo darwiniano. Devido a sua origem e formação, o estruturalismo americano também se faz notar. O autor vê a língua como um fenômeno dinâmico e histórico, mas não pulando misteriosamente de um “estágio inicial” para um “estágio estável”, como propugnado pela gramática gerativa. Contrariamente a ela, Everett considera a língua humana como uma continuidade da comunicação animal, mas qualitativamente diferente dela. Para ele, a língua é primordialmente interação, comunicação, não uma estrutura estática, gramática. Aliás, o que se chama de gramática é parte do amplo processo de interação comunicativa, logo, subordinada a ele.

No escrutínio da dinâmica histórica da linguagem, o autor parte da distinção feita por Peirce<sup>3</sup> entre *índice*, *ícone* e *símbolo*. Ele vê a emergência e evolução da linguagem seguindo esse percurso, vale dizer, a comunicação anterior à do *homo erectus* teria começado pelos índices. Com o passar do tempo, teria começado a ocorrer ícones. O estágio final seria atingido com a introdução dos símbolos, a despeito do fato de Peirce ter colocado o ícone antes do índice. Como exemplos de comunicação por ícones, já na pré-história, ele menciona as pegadas e as fezes deixadas por um animal, por exemplo, como indício de que ele passou por ali e às vezes até mesmo em que direção ele foi.

O autor dá mais atenção aos ícones, uma vez que, com eles, inicia-se o processo de separação entre o representame (nos termos de Peirce) e o referente, a coisa representada (lembre-se que os índices são signos que representam determinada “coisa” mediante uma ligação física, natural com ela). Entre os exemplos de ícone dados por Everett, temos o caso do “seixo talhado de Makapansgat”, uma pedra que lembra um rosto humano, e “o seixo de Arfoud ou a Vênus de Berekhat Ram”. Eles “mostram alguns dos primeiros passos desde os índices não intencionais até a criação intencional de signos. O objeto é visto através de uma semelhança física” com outra coisa, mas distinto dela. Isso “há três milhões de anos” (p. 123). Um outro exemplo poderia ser a raiz de uma árvore ou um cipó como ícones para cobras (p. 142). Trata-se de processos que se assemelham à metáfora.

De acordo com Everett, a língua só existe e funciona no contexto da cultura. A língua é parte da cultura, que determina grande parte de sua conformação, inclusive a gramatical. A cultura pirahã, por exemplo, leva as pessoas a falarem apenas de assuntos não abstratos, relacionados com a experiência imediata dos interlocutores. Por isso, sua língua não tem números nem a ideia de contar; tampouco tem termos para a quantificação e nomes de cores; o sistema de pronomes está entre os mais simples que se conhece; não há subordinação de orações. Esse povo tem o sistema de termos de parentesco mais simples já documentado; há ausência de mitos sobre a criação do mundo, de ficção, além da ausência de memória coletiva de mais de duas gerações passadas. Não fazem desenhos nem pinturas. É uma das culturas materiais mais simples que se conhece na atualidade. Eles são monolíngues há já mais de 200 anos. Todas essas informações, que parecem um tanto exageradas, estão explicitamente resumidas no artigo “Cultural constraints on grammar and cognition in Pirahã”<sup>4</sup>.

Contrariamente à crença mais comum, em todo o livro Everett enfatiza a tese de que a linguagem teria surgido com o *homo erectus*, evoluindo para uma forma parecida com a das línguas atuais com o *homo sapiens*. Os *erectus* foram os primeiros a viajar e, para isso, precisavam comunicar-se uns com os outros, fabricar instrumentos, como jangadas etc. Com isso, eles foram adquirindo cultura até atingir o patamar da comunicação/linguagem. A invenção das ferramentas teve um papel muito importante no surgimento da cultura.

A língua dos pirahãs seria uma espécie de fóssil que lembraria muito aquela linguagem primitiva dos *erectus*. Nas palavras do autor, “vários antropólogos inferiram conexões entre a fabricação de ferramentas e a evolução da linguagem” (p. 107)<sup>5</sup>, mediante o desenvolvimento do cérebro. Assim, “se a comunicação for a função básica da linguagem, então as línguas humanas não são tão diferentes da comunicação de outras criaturas, como supõem alguns linguistas, filósofos e neurocientistas”. Afinal, “a comunicação está presente em todo o reino animal” (p. 108) e nossa linguagem atual é uma evolução dessa comunicação que atingiu o nível do símbolo, ou seja, o de falar de coisas em sua ausência – a capacidade de mentir, como dizia Umberto Eco –, fazer ficção, poesia, filosofia.

A língua é um fenômeno bastante complexo. No entanto, essa complexidade não se deve apenas à gramática, que sequer é seu componente mais importante. Para o autor, “as línguas não precisam ter estruturas gramaticais complexas”. “Elas podem simplesmente justapor palavras e frases simples” (p. 101). Aliás, “a gramática auxilia a linguagem. Não é a própria

linguagem” (102). Por isso, os humanos podem interpretar enunciados mesmo se eles não estiverem gramaticalmente estruturados. Tudo isso é possível devido ao contexto da cultura em que a língua e seu uso estão imersos.

Everett afirma que “há várias razões para rejeitar a ideia de que a gramática é central na linguagem” (148-149). Na verdade, “para muitos pesquisadores” “a gramática assume um papel menos importante em relação a padrões interacionais conversacionais” (p. 112)<sup>6</sup>. A importância da cultura para o entendimento na comunicação linguística pode ser comprovada com o Transtorno do Espectro Autista. Seu portador tem dificuldade para se comunicar não porque não domina as regras de formação de frases, palavras e sílabas, mas porque não domina as convenções sociais. Mesmo para as pessoas que não têm esse transtorno, a “estruturação” existe apenas para facilitar a memorização. Por exemplo, uma sequência de números como 983549985 seria difícil de ser memorizada. Por isso, na prática decompõe-se a sequência em blocos como, por exemplo, em 98354-9985, prática comum na representação dos números de telefone: essa separação sugere estruturação.

É necessário olharmos para a linguagem de uma perspectiva holística<sup>6</sup>. Até mesmo o cérebro “é um órgão fisicamente integrado no mundo através do corpo” (p. 217), o que lembra as ideias de Gregory Bateson. O “cérebro humano compartilha uma característica organizacional com o trato vocal (as partes que ajudam a criar a fala, incluindo nossos pulmões, a língua, os dentes e as vias nasais). Assim como o trato vocal, o cérebro reutiliza sistemas preexistentes e os explora para outros propósitos”. No entanto, “nem o cérebro nem o trato vocal evoluíram exclusivamente para a linguagem. Eles passaram a exercer essa função por um processo de exaptação, e a cognição animal ajuda a entender esse processo. A “cultura nos ajuda a compreender o cérebro como parte da nossa rede social de associações de cérebros” (p. 168). Todos os seres humanos atuais têm o cérebro parecido. Daí sua importância para a linguagem e a cultura; elas requerem memória e o centro da memória é o cérebro. Com efeito, “se não há memória, não há linguagem. Se não há memória, não há cultura” (p. 210). Se não há cultura, não há linguagem.

No capítulo FALANDO COM AS MÃOS (p. 304-330), Everett enfatiza várias vezes que não só não há um órgão especializado para a linguagem no cérebro mas também que a oralidade não é a única forma pela qual a faculdade da linguagem pode se manifestar. Pelo contrário, há uma “simbiose entre as mãos, a boca, o cérebro e como eles evoluíram” (p. 305). Afinal, “a linguagem é holística e multimodal” (p. 306). Mesmo a linguagem oral não sobrevive, ou seja, não há comunicação eficiente sem gestos. Pode acontecer até de uma frase verbal poder ter um de seus componentes manifestados gestualmente. O exemplo dado por Everett é: “ele (uso do pé para indicar um movimento de chute) a bola”. Nesse caso, “o gesto substitui o verbo ‘chutou’” (p. 313), com o que “os gestos ficam sincronizados com a fala, independentemente do que aconteça” (p. 317).

A despeito do que acaba de ser dito, o autor explica porque “o gesto nunca é o primeiro canal ou modo de comunicação de qualquer língua do mundo?” (p. 320).

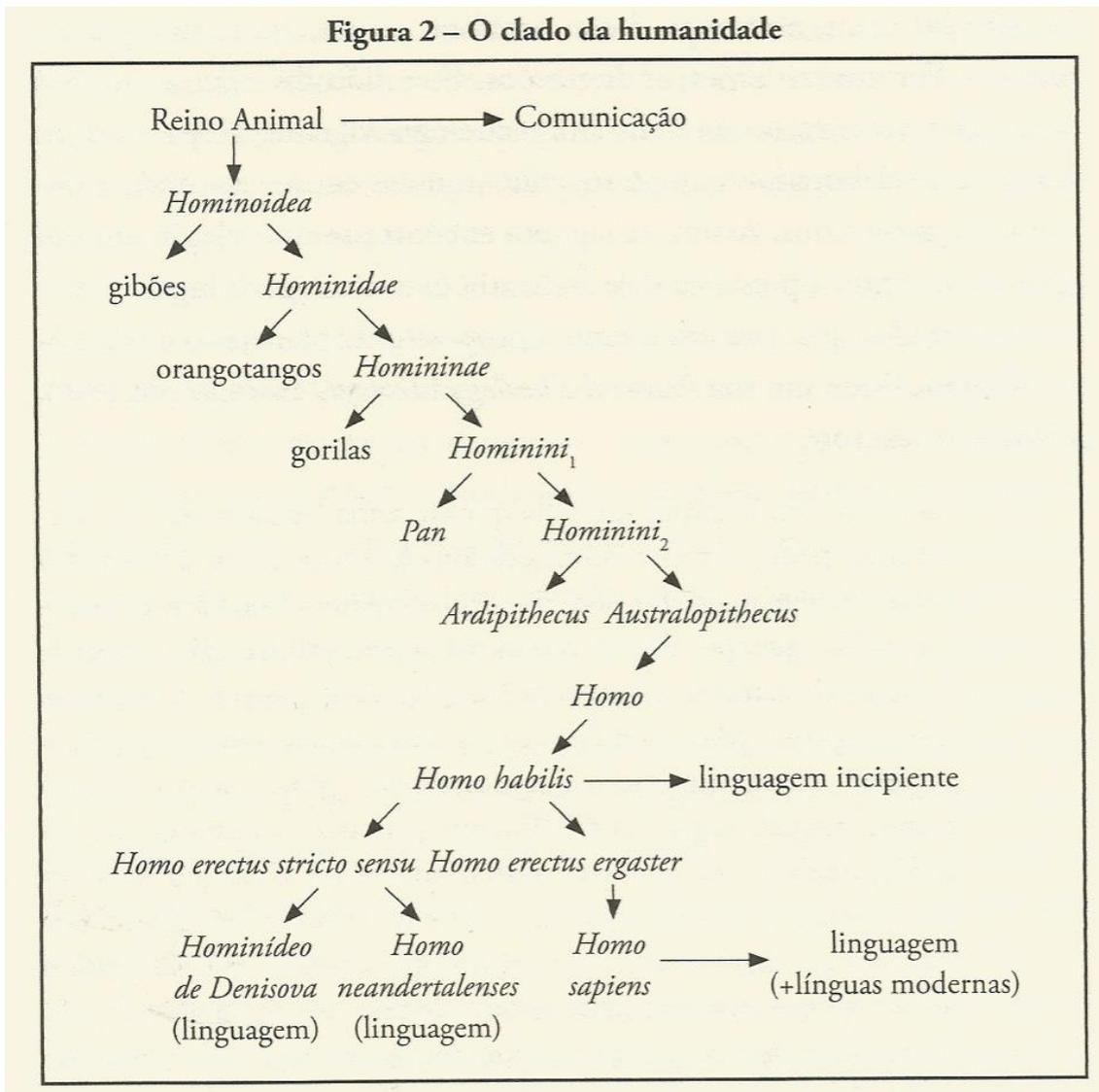
A interação é instintiva<sup>7</sup>, não a ideia de linguagem/língua em geral, como quer Steven Pinker. No entanto, ela é regida pelo “princípio da cooperação” (referindo-se a Grice). Isso lembra a comunhão da ecolinguística, em sua variedade linguística ecossistêmica.

O livro de Daniel Everett evita linguagem técnica, sem deixar de ser científico. A leitura é bastante agradável. Mas, há alguns problemas. Primeiro, ele fala, em diversas passagens, de línguas “evoluídas”, “mais simples” etc. Ora, ecolinguisticamente toda língua é a melhor para o povo que a usa. Nesse sentido, ele vê a língua dos pirahãs como aquela que não tem isso, aquilo e aquilooutro (acima podem-se ver alguns exemplos). Ora, se ela não tem tudo isso, falta-lhe alguma coisa, ela seria mutilada. É claro que essa não era a intenção do autor. No entanto, suas palavras levam a isso.

Um outro problema, a meu ver, é que Everett vê a língua como instrumento de comunicação, não como a própria comunicação. Na verdade, ele tem outro livro intitulado justamente *Language: the cultural tool* (Linguagem: o instrumento cultural). Instrumento é uma coisa. No caso, para ele (e para a esmagadora maioria dos linguistas) a língua é um conjunto de regras (*langue*, competência) de que os usuários se servem para construir frases gramaticalmente corretas e/ou para se expressar e/ou informar o ouvinte sobre algo. Isso contradiz uma das teses defendidas por ele: de que o núcleo da língua é a comunicação, sendo a gramática uma auxiliar nesse processo. A língua não é instrumento para a comunicação; ela é a própria comunicação.

Por fim, gostaria de levantar um problema de tradução de textos do inglês (e das línguas germânicas em geral) para o português. O inglês só tem o termo “language”, ao passo que o português tem “língua” e “linguagem”. Às vezes “language” deve ser traduzido por “língua”, às vezes por “linguagem”. É um trabalho muito grande para qualquer tradutor saber quando é uma coisa e quando é a outra. O importante é que o saldo geral para o livro é positivo. Vale a pena ser lido, mesmo diante de tanta ênfase na paleolinguística.

Por fim, como se trata de um livro que fala de língua/linguagem desde suas origens remotas, seria interessante reproduzir a figura 2 do autor representando o presumível curso evolutivo que levou aos humanos, o “O clado da humanidade” (p. 37).



**Notas**

1. Daniel Leonard Everett. *Aspectos da fonologia do pirahã*. Dissertação de mestrado, UNICAMP, 1979.
2. Daniel Leonard Everett. *A língua pirahã e a teoria da sintaxe: descrição, perspectiva e teoria*. Tese de doutorado, UNIAMP, 1983.
3. Charles Sanders Peirce. O ícone, o indicador e o símbolo. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1967, p. 115-134.
4. Daniel L. Everett. Cultural constraints on grammar and cognition in Pirahã: Another look at the design features of human language. *Current anthropology* v. 46, n. 4, 2005, p. 621.
5. Em 1876, Friedrich Engels defendeu essa tese no ensaio “Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem”.
6. Esta é a tese da versão brasileira da ecolinguística, a linguística ecossistêmica, de que ECO-REBEL é o porta-voz.
7. Não a língua/linguagem, como apregoa Steven Pinker em *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem* (São Paulo: Martins Fontes, 2002). Sequer é a mente que cria a linguagem. Quem o faz são pessoas em suas interações comunicativas (ou tentativas de) em uma comunidade de fala, que vira uma comunidade de língua.

Aceito em 25/01/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 6, N. 1, 2020.